

ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

Ao vir à tona um plano de militares que pretendiam matar Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes, Poderes são veementes em condenar e cobrar punições aos insurgentes. Presidente do STF, Luís Roberto Barroso alerta para o risco que a democracia correu

“Estivemos próximos do inimaginável”

» JULIA PORTELA
» VÍCTOR CORREIA
» RENATO SOUZA
» ISRAEL MEDEIROS

Carlos Alves Mora/Secom/STF



Segundo Barroso, trama foi urdida por inimigos da democracia

O plano para assassinar Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin causou profundo mal-estar no Supremo Tribunal Federal, que na semana passada foi atacado por um bolsonarista que explodiu bombas perto da Corte e tinha planos de matar o ministro Alexandre de Moraes — também alvo dos militares golpistas que pretendiam tirar a vida do presidente da República e do vice antes que tomassem posse. O presidente do STF, ministro Luís Roberto Barroso, considerou os fatos “estranhos” e lamentou que o Brasil um dia tenha ficado à beira do “inimaginável”.

Na sessão de ontem do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Barroso frisou a gravidade do episódio. “Tudo sugere que estivemos mais próximos do que imaginávamos do inimaginável. O que é possível dizer, neste momento, é que o golpismo, o atentado contra as instituições e contra os agentes públicos que as integram, nada têm a ver com ideologia ou com opções políticas. É apenas a expressão de um sentimento antidemocrático e do desrespeito ao Estado de direito. Nós estamos falando de crimes previstos no Código Penal”, observou.

“Ciclo de atraso”

Barroso foi além. Ressaltou a necessidade de “empurrar para a margem da história comportamentos” como os descritos na Operação Contragolpe, que prendeu quatro militares e um agente da Polícia Federal golpistas. “Felizmente nós já superamos os ciclos do atraso dessas quarteladas e dessa visão antidemocrática em que ‘eu não suporto que alguém

que pense diferente de mim tenha sido eleito’ — um retrocesso imenso saber que nós estivemos perto de alguma coisa como essa”, afirmou.

O ministro deixou claro que a investigação é “conduzida com muita seriedade pela Polícia Federal” e que o Judiciário vai julgar o caso “conforme as leis e a Constituição”. Afirmou, ainda, que investigações como as que estão em curso pela PF são a prova de que as instituições

Pedro França/Agência Senado



Pacheco: país não tem espaço para quem despreza do Estado de Direito

“estão funcionando”.

Em entrevista à Globonews, o decano do STF, Gilmar Mendes, ressaltou que há indícios de participação de militares de alta patente no plano de golpe com os assassinatos de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes. “Tudo indica que tinha pessoas de mais elevada patente participando desse complô, dessa iniciativa que é extremamente danosa para a democracia. O fato de hoje (ontem) é extremamente grave

porque envolve participantes das Forças Armadas. Esse é um dado cuja visão a gente não deve perder”, salientou.

Segundo Gilmar, a tentativa de golpe com três assassinatos “não se trata de mera cogitação, estamos já em um plano de preparação e execução (do crime)”. Ele disse que a legislação é severa no que diz respeito a crimes contra a segurança nacional e que “não se pode banalizar” o plano golpista.

Ministros indignados

A divulgação de que militares articularam uma tentativa de golpe de Estado que tiraria as vidas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do vice-presidente Geraldo Alckmin e do ministro Alexandre de Moraes causou indignação entre os ministros do governo. Isso, inclusive, tirou parte do brilho da cerimônia de encerramento do G20, no Rio de Janeiro, ontem à tarde.

Auxiliares de Lula condenaram a participação de militares bolsonaristas no complô e não esconderam o choque com os detalhes do plano golpista revelado pela Polícia Federal. Eles também associaram o planejamento a outros episódios de desestabilização do Estado Democrático de Direito — como o 8 de janeiro de 2023. Todos cobraram punição exemplar aos envolvidos.

“São elementos novos, extremamente graves, sobre a participação de pessoas do núcleo de poder do governo Bolsonaro e o golpe que tentaram executar no Brasil. Isso só não ocorreu por detalhes”, disse o ministro da Secretaria de Comunicação Social, Paulo Pimenta.

Ele lembrou, ainda, da tentativa de invasão à sede da PF, em 12 de dezembro de 2022 — horas depois que Lula foi diplomado presidente pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) — e da bomba que bolsonaristas tentaram detonar na véspera do dia de Natal daquele ano — o artefato foi acoplado a um caminhão-tanque estacionado próximo do Aeroporto de Brasília.

O ministro da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), Alexandre Padilha, também ligou os casos recentes de violência política à extrema-direita. “Não vamos titubear em apurar e punir seus autores. Sem anistia!”, destacou. Para o advogado-geral da União (AGU), Jorge Messias, as descobertas da PF são “estranhadoras” e aproximam a trama de Bolsonaro. “O competente trabalho da nossa polícia judiciária coloca no centro da cena golpista o entorno mais próximo do ex-mandatário”, publicou no X (antigo Twitter).

O ministro Alexandre Silveira, de Minas e Energia, publicou um vídeo nas redes sociais denunciando que o incentivo à violência prejudica até os investimentos no país. “O que nos resta é repudiar de forma veemente qualquer tipo, não só de ataque, mas também de estímulo à violência”, disse.

Já Camilo Santana, ministro da Educação, destacou que os envolvidos devem ser “devidamente punidos dentro da lei”. Sonia Guajajara, dos Povos Indígenas, disse que os episódios revelados “não são fatos isolados”.



Estivemos mais próximos do que imaginávamos do inimaginável. O golpismo, o atentado contra as instituições e contra os agentes públicos que as integram, nada têm a ver com ideologia ou com opções políticas”

Ministro Luís Roberto Barroso, presidente do STF



Tudo indica que tinha pessoas de mais elevada patente participando desse complô, dessa iniciativa que é danosa para a democracia. O fato é extremamente grave porque envolve participantes das Forças Armadas”

Ministro Gilmar Mendes, decano do STF



Extremamente preocupantes as suspeitas que pesam sobre militares e um policial federal. Não há espaço no Brasil para ações que atentam contra o regime democrático para quem planeja tirar a vida de quem quer que seja”

Senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG)

Pacheco ataca a articulação do levante. Lira se cala

As reações no Congresso ao plano golpista que previa o assassinato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do vice-presidente Geraldo Alckmin e do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, colocaram em campos opostos o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e o da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Enquanto o primeiro emitiu nota repudiando a aventura do grupo de militares bolsonaristas o segundo não se manifestou.

“Extremamente preocupantes as suspeitas que pesam sobre militares e um policial federal, alvos de operação da Polícia Federal. O grupo, segundo as investigações, tramava contra a democracia, em

uma clara ação com viés ideológico. (...) Não há espaço no Brasil para ações que atentam contra o regime democrático, e menos ainda, para quem planeja tirar a vida de quem quer que seja”, disse Pacheco, em nota.

Lira esquivou-se de falar sobre o assunto. Ao chegar à Câmara para presidir a sessão deliberativa na tarde de ontem, foi cercado por jornalistas, mas se recusou a responder a perguntas. A assessoria do deputado foi procurada para saber se ele se pronunciaria ou divulgaria nota sobre o complô do golpe. Não respondeu até o fechamento desta edição.

Já a presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), classificou como “extremamente

graves” os planos revelados pela PF. Ressaltou que os envolvidos são servidores públicos que teriam usado “conhecimento técnico-militar que aprenderam através do Estado” para atacar contra a democracia e a vida. Ela defendeu, ainda, o fim dos projetos que têm como objetivo conceder anistia aos golpistas de 8 de janeiro de 2023.

Gleisi ainda criticou o comentário do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) de que “pensar em matar não é crime”. “Repugnante e antidemocrático, ao contrário do que diz Flávio Bolsonaro, é planejar o assassinato do presidente eleito, do vice e do presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), jamais a ação da

polícia e do Judiciário para desarticular a quadrilha que fez isso. Mas está chegando a hora de pagarem pelos crimes que cometeram”, advertiu.

O líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues (PT-AP), observou que “o fascismo e a delinquência serão combatidos com a lei e a Constituição. O antídoto ao ódio é o Estado Democrático. Sem anistia!”.

José Guimarães (PT-CE), líder do governo na Câmara, disse que as informações reveladas pela PF “são provas cabais do atentado contra o Estado Democrático de Direito e de crime de terrorismo contra autoridades da República”.

Em reação também à trama

dos militares bolsonaristas para atacar contra a vida de Lula, Alckmin e Alexandre de Moraes, deputados das bancadas do PSol e do PT protocolaram um pedido para que o projeto de lei que anistia os condenados pela tentativa de golpe em 8 de janeiro seja arquivado. Em entrevista à Globonews, o decano do STF, ministro Gilmar Mendes, afirmou que “é incogitável” defender a anistia.

“É incogitável se falar em anistia nesse quadro, acho que seria até irresponsável. Tenho vários interlocutores no meio político e não me parece que faça qualquer sentido, antes mesmo de termos uma denúncia, se falar em anistia”, afirmou.



ALEXANDRE GARCIA

AS PRISÕES DE MILITARES, REVELANDO PLANEJAMENTO DE GOLPE, TAMBÉM SERVIRAM PARA DAR UMA RÁPIDA GUINADA NAS CONSEQUÊNCIAS DA INTERVENÇÃO DA PRIMEIRA-DAMA QUE, POR SUA VEZ, HAVIA DESVIADO ATENÇÃO DE OUTROS ACONTECIMENTOS

País de surpresas

No Brasil, os acontecimentos conseguem andar mais rápido que a nossa capacidade de compreendê-los ou mesmo perceber seus significados. Em plena reunião dos países com as 20 maiores economias do mundo, agora aparecem prisões preventivas de gente que planejava eliminar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin, e prender ou eliminar Alexandre de Moraes, conforme registra inquérito da Polícia Federal. Entre esses, um general da reserva, oficiais superiores da ativa e um agente federal.

Imagino o que hão de relatar os jornalistas que vieram para cobrir o G20 e se deparam com isso, depois do ataque pirotécnico ao STF, seguido da primeira-dama Janja

insultando com termo vulgar Elon Musk, integrante do futuro governo dos Estados Unidos. Aliás, as prisões de militares, revelando planejamento de golpe, também serviram para dar uma rápida guinada nas consequências da intervenção da primeira-dama que, por sua vez, havia desviado atenção de outros acontecimentos.

Depois da derrota da esquerda na última eleição, com a inflação indo além da meta, a carne subindo e deixando a picanha inalcançável; a dívida pública inchando rapidamente, os cortes cada vez mais necessários e mais adiados; o déficit crescente; as estatais no prejuízo após de um período de lucros e as propostas de emendas

constitucionais sobre os poderes do Supremo e anistia para os manifestantes do 8 de janeiro, o chaveiro suicida arremessando fogos de artifício contra o STF foi oportuno para desviar atenções e tentar conter a marcha de propostas na Câmara.

Mas eis que a primeira-dama dá um corte nos acontecimentos e vira notícia com grosseria vulgar contra Musk, que será governo nos EUA a partir de 20 de janeiro, e agrava com falta de compaixão e desrespeito com o morto, chamando-o de “bestão” que se matou com fogos de artifício. Ainda exibiu parceria com um ministro do Supremo.

Não poderia ter escolhido oportunidade mais inconveniente. Na véspera do G20, e em evento preliminar da cúpula,

patrocinado por milhões de reais de estatais. O Rio de Janeiro já fervilhava de jornalistas estrangeiros, que tiveram a primeira aula de Brasil pela ex-docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa. As graves travessuras rodaram o mundo. Que opinião esse público mundial estará formando do Brasil?

Mas eis que veio agora, em 74 páginas, a descrição resumida do que pretendia um grupo de, no mínimo, meia-dúzia. Pretendiam, mas não fizeram. Quem poderia dar o início? O presidente não quis fazer, nem quem deveria sustentar o projeto, o alto comando do Exército, segundo se depreende dos autos.

Imagino a reação, nos cinco continentes, das pessoas que leram as notícias do xingamento vulgar contra Musk. Não creio que vão achar graça. Imagino que ficarão espantadas, pensando que tipo de país gera uma

cena dessas. Lula ainda tentou atenuar, advertindo, em público, que “não temos que xingar ninguém”. Mas souu hipócrita, porque ele mesmo, dias antes da eleição americana, afirmou, em entrevista, que eleger Donald Trump é “a volta do nazismo e do fascismo com outra cara.”

Como se não fosse suficiente, a maioria dos que foram presos, oficiais de forças especiais, estavam prestando segurança no G20. Os estrangeiros hão de perguntar se somos um país de tontos. Planejadores de assassinato de presidente cuidando da segurança de líderes mundiais, como Joe Biden, Xi Jinping, Emmanuel Macron, Javier Milei — e seu próprio alvo de dezembro de 2022? Enquanto isso, Janja não pareceu afetada pela reação à sua grosseria. Estava em todas as fotos, com a alegria de quem terá no futuro um avião novo e com chuva.